

Pão Nosso . . .

Porto, 1 de Junho de 1910.

N.º 7

SUMARIO:

- I — UMA VISTORIA AO DR. REIS SANTOS.
- II — O BÔBO D'ENTRE-OS-RIOS.
- III — O PENULTIMO DOS ANTEPENULTIMOS MESSIAS.

Uma vistoria ao dr. Reis Santos

Perguntas singelas. — O que disse numa conferencia e desdisse no Congresso. — Republica e Monarquia. — Os verdadeiros fins do Congresso. — A reacção provinciana contra a democracia de Lisbôa.

Corre por hi a opinião assente, de que V. Ex.^a é um espirito de fino alambre na réplica. Qualidades de dialectico — explicam uns. Argucias de casuista — sorriem outros.

Mas tanto os que lhe almagram o talento, como aquelles a quem a oratoria de V. Ex.^a azeita as molas interiores, dogmaticamente teimam: — «Ao ripostar, sim, é um corisco! Vara o adversario dum só bote, direito ao coração, como os heroes das novelas de cavalaria!»

Seja. Que já por minha alma rezo. D'aqui, pois, lhe oferto motivo de me pregar... no seu herbario d'ilusões desfeitas. Cortesias, e em guarda.

* * *

Foi V. Ex.^a o creador e alma do Congresso Nacional. A's gentes do norte subiu na prégação do evangelho novo. Até no tom do rosto ostentava o tiznado dos sóes, côr tradicional dos apóstolos ambulantes.

Era o Congresso uma das jornadas da sua obra, empreendimento místico e enevado de incertezas. V. Ex.^a por força traz no corpo uma pitada de globulos sanguineos de Pedro Eremita.

Na antevespera do Concilio, quando já os bispos e doutores passeavam Lisbôa, V. Ex.^a produziu mais uma conferencia. Nella, ao analisar as causas da decadencia da nação e raça portugûsas, penetrando pelos descampados da historia a escavar raizes, — encontrou a causa fundamental, primaria, organica, de nossos males. Como se chamava? — «O jesuitismo, e o espirito jesuitico.»

Fez notar á assistencia que, antes do casamento da teocracia papal com a Companhia de Jesus, o catolicismo não travara o engrandecimento e progresso nacionaes. Ilustrou esse tema com exemplos tirados da dinastia d'Aviz, até D. Manuel I.

De maneira que, sem removermos o jesuitismo, causa das causas da nossa ruina, tudo o mais era despedir setas ao vento, ameaçar com os punhos as estrelas.

Para que, se reuniu o congresso? Para que as capacidades provadas e os especialistas polpudos, apontassem e descarnassem os motivos d'enfraquecimento e morte do povo portugûes.

V. Ex.^a foi o relator geral, o propagandista, o sopro espiritual da magna assembleia. Magna, ou magãna?

Pergunto:

Porque é que V. Ex.^a falando cá fóra como atraz referi, não teve uma palavra sobre o assunto, lá dentro?

Se considerava o jesuitismo grande mal, a origem de todas as enfermidades nacionaes, porque colaborou então nessa *blague* re-

torica, que a nada podia conduzir, pois só estudava efeitos desprezando as causas?

Porque é que V. Ex.^a que audaciosamente se atribue em publico, factos que nunca praticou — como aqui no Porto nos salões do Ateneu Commercial — aboletou desta vez a coragem no recheio dos fundilhos, e com os seus actos negou e renegou as suas palavras?

Má-fé? Doblez de carater? Ou vergonha da mentira?

Responda, snr. Reis Santos!

*

* * *

No Congresso Nacional desprezava-se a politica, e atacou-se o Estado. Se o congresso fôra de libertarios, estavam estes dentro da logica rigorosa dos seus principios. Numa reunião de burguezes, só em Portugal essas contradicções se acasalam sem marcarem como toiros bravos. Que vem a ser Estado sem politica? Vinho sem corpo nem alma.

Republica e Monarquia, em abstrato, são dois conceitos equivalentes, sobre os quaes se póde discutir seculos e seculos, sem que os adversarios se reduzam á concordia ou se dobrem de humilhados. Taes as disputas famosas entre nominalistas e realistas, em que todas as subtilêsas escolasticas toldavam a controversia e a claridade dos engenhos, assim os bandos de gafanhotos entenebrecem, no seu vôo, a pureza luminosa dos ceos, deixando em poz si esterilidade e assolamento.

Em Portugal se não questiona Republica e Monarquia, especulativamente, como dois filosofos testilhando em contrario só pelo gôso mental da salga de raciocinios e argumentos. Ha sim, monarquias e republicas, em concreto. Teem nome proprio, são de nossos dias, vivem por esse mundo.

Os substantivos *republica* e *monarquia*, — expunha-me um dos nossos mais altos pensadores — são vasio. E' preciso enchê-los de carne. Na nossa terra o substantivo *monarquia* está enchumaçado. Leva dentro uma dama, mal provida d'inteligencia,

rancorosa, fanática, coração de secura e vingança,—e um menino do côro, feito com pingos das tochas do padre Matos.

A carne e ossos dos que a monarquia serve, por nós são igualmente conhecidos. O seu ideal resume-se em comer, digerir e evacuar.

Eis a monarquia, eis o Estado, em que pése ao sr. Carneiro de Moura, que definiu:—O Estado somos nós todos.

Se na sua definição, (e ha tantas! tão diversas! em tão varios filosofos, juristas e sociologos!) nós todos *de direito* formamos parte do Estado, *de facto* assim não é. Dinastia e dinasticos occupam o logar e funções que a toda-a-gente competiam.

Como é, pois, que o relator geral do Congresso, se emburrou nesta mistificação assombrosa?

*

* *

Vamos dizê-lo, pése a quem posar. Não estamos em horas de trajar disfarces.

O sr. dr. Reis Santos pertenceu, ahi por 1894-95, ao partido republicano. Fez parte do *Grupo dos Estudos Sociaes*. Conforme elle diz, afirmação que não sei até onde é verdadeira,—trabalhou com afinco para a realisação dum congresso partidario que a primeira ditadura Hintze-Franco prohibiu.

Um belo dia, afasta-se dos republicanos. Motivos?

Presumo, que vaidades em sangue! O sr. Reis Santos teve sempre a ambição de dirigir, de ser cabeça. Um orgulho desproporcionado ao seu valor efetivo, levava-o a sonhar que nas espaldas lhe nasciam azas de aguia ou de condor. Todos os seus contemporaneos conhecem que o maior prazer intelectual do sr. Reis Santos, consistia em *empalmar assembleias*.

Abandonado o partido, o sr. Reis Santos conservou os dirigentes atravessados na garganta, e confeiçoados em fel. Não lhes perdoava deitarem ao brejo os seus oraculos.

Tracejou uma desforra: «Hum!... Haveis de saber quem é o Reis Santos!»

Enterrado numa aldeia, bebendo o seu orgulho até às fêzes, mais amargas que o travôr do ciume, annos volvidos surge em Lisboa. Vivêra fóra do tempo e do espaço; caiu num meio que não comprehendeu. Teve medo da democracia, e a democracia lançou-o á margem.

Começou oscilando, apavorado em face de sucessos que não previa, numa situação d'incertezas perpetuas, avaliando acontecimentos e personagens d'hoje, como se nada houvera mudado desde 1890, data em que partilhara da vida publica. É um erro de visão, um daquelles que Bacon classificava — *ídolos da caverna*.

Ora um dos temas sobre que os monarchicos mais variações tecem, assim se propõe:

« O partido republicano não tem um programa governativo, nem homens de governo. Não apresenta soluções aos problemas nacionaes. Não estuda as questões. Só sabe demolir e agredir. Só emprega a critica negativa, é intrinsicamente incapaz de reedificar.»

Rasgaram-se os horizontes da *révanche* ao sr. Reis Santos. E' agora! Seria elle o que reuniria as capacidades dispersas, burgraves esquecidos, classes dirigentes, politicos de nota. Do congresso sairia o programa de governo. E assim mostrava que, fóra dos republicanos e contra os republicanos — se preciso fosse — elle só, realisava o que um partido inteiro não fizera. E agora, concluia elle, neguem-me genio!

Não encobria seus intuitos, quando andou em cruzada pela provincia. Sem força na capital, vinha procurá-la, lisonjeando liberaes e reacionarios, afundando o vinco jesuitico do seu proceder. Numa frase se revelava todo o seu plano:

— « Arrastar a provincia sã, contra a intolerancia da Lisboa demagogica.» Assim mesmo!

Era um rato dando á luz uma montanha. Por seu turno, a montanha deu á luz aquelle dilema do sr. Consiglieri Pedroso, arranco d'energia tão feroz, que nem um ultimatum bismarckiano:

« Ou os votos do congresso são tomados em consideração,

— ou nós temos de... continuar a trabalhar.» (*A Luta*, 25 de maio).

Como quem diz:— «Ou o governo nos manda bugiar, ou nós vamos á tabúa.»

Em verdade que o sr. Reis Santos, se não encontrasse já inventado de todas as peças o sr. Consiglieri Pedroso, ficava sem taboleta de cobertura.

Ora responda sr. Reis Santos! Não acarre na solidão. Empregue as suas virtudes de exhibicionismo cabotino. Responda, homem!

O bôbo d'Entre-os-Rios

Felisberto Teixeira Pinto, primeiro poeta portuense. — Antonio de Lemos, praticante da botica de Felisberto. — Pilulas poeticas da parelha. — Antonio a passo travado, a trote, a galope, e em alta escola. — Antonio desbocado. — Antonio sanguinario. — Antonio regressando á patria que o poz.

Sempre os grandes movimentos literarios ou artisticos levaram na avançada um chefe d'escola, gigante d'onde descende uma linhagem d'anões. Assim Vitor Hugo para os romanticos, Zola para os naturalistas, Verlaine para o simbolismo, e outros nomes em fieira, desnecessarios d'apontar.

Na cronica do Porto atual, marca uma pausa gloriosa, certa escola de letras gôrdas, honra e ganancia do mercado tripeiro. Seus epigones tornaram-se populares. Ao deambularem vielas e bêcos, hortas e almargens suburbanas, o gentio lhes calça o lagedo d'espadas e murta, tomilho e mangerona, como se deve á alteza do sangue e á magnitude do talento.

Pezar meu profundo é, que para além da estrada da cir-

cumvalação, grandezas destas resvalem no cisco do Desconhecido. Iluminemos-lhes... amorosamente... os arrabaldes do genio.

Poeta epico, sublime, ofuscante, Camões amassado com Eschilo, Homero em arrôbe de Rosalino, eis presente o snr. Felisberto Teixeira Pinto, o maior entre os maximos, o Mestre, que só conta discipulos estercorarios.

De seu officio industrial de lata branca, ao tempo que bate a curva dum funil e solda um tampo de marmita, roja os utensilios da arte pelas agruras da metrica.

Acodem-lhe ao estro, tercetos como os que vão saborear, recortados do seu monumental folheto *As margens do Douro*, ao descrever o rio, em cujas escarpas sua mãe o pariu.

Não ha rio como eu — só em Portuga! — nem em Marselha ;
Meu leito atravessa a Lusitania e a Hespanha,
Fazendo zig-zags assim como a abelha.

Talvez notem os invejosos marselhêses que ali ha versos com silabas a mais. Imbecis! Isso é para ampliar o verso, e guindá-lo á altura do assunto.

Continúa e rio Douro a falar de si mesmo:

Começando o outono não tenho em mim socego ;
Tenho muitas dezenas de arterias
E o movimento por causa do trafego.

E no desbarato d'imagens transcendentés, o Mestre, que em liberdades poeticas arramalha pelo inverosimil, desfaz-se neste deslumbramento:

Quem te atura é viver em tristes celulas ;
Sabes do Ponto Novo a Retorta, Cachão e Cardia ;
E's selvagem como os regulos ou as regulas.

Sou visitado pelas inteligencias mais discretas ;
Minhas margens são superiores a Cintra, Penha e Bussaco ;
Mesmo nas paragens mais desertas.

De verão torno-me enfraquecido e torpo ;
Ligam-se a mim dezenas de tigres e leões,
Não como o rio da Asia, coalhado e zorpo.

Zôrpo! Arrojo quintiliano que Horacio registou em passagem inedita da sua *Epistola aos Pisões*.

E para dar mate aos quilates d'engenho do Mestre, apenas uma citação mais, as duas linhas ultimas da primeira oitava em que verbera a execução dos reis da Servia:

Serás vingado e a tua formosa Draga:
Num cutelo, na fôrça, e numa fraga.

O' fraga do genio! não lia raio que te parta!

*

* *

A desgraça dos Mestres consiste em terem discipulos. Os paes são leões, a segunda geração é de lobatos, na terceira podengos, gôzos e rafeiros.

O discipulo estraga, perverte e deforma. Nunca tem as qualidades do inventor, mas prima nos defeitos do copista. O Mestre gera, o discipulo aborta.

Tal nos succede com o discipulo querido, o Benjamim, a luz dos olhos de Felisberto Teixeira Pinto — que vem a ser o snr. Antonio de Lemos, verzejador, critico d'arte, jornalista, *diseur*, humorista e boticario.

Felisberto é ingenuo e casto, mais puro que Diogo Camacho, o qual de si escrevia

Poeta até ao umbigo, os baixos prosa.

Antonio estraga tudo por onde passa. E' o porco num faval.

Felisberto faz seringas de folha branca. Antonio avia clistères. Felisberto cheira a estevas montesinhas, aos medronheiros da sua aldeia, ao acre e vigoroso perfume dos torrões estripados pela enxada. Antonio fêde ás ventosidades a escape fugidas nos salões quando elle recita, e arrisca-se a que Eusebio Macario lhe recalque o monoculo posterior com uma bota de duas solas.

Se o cerebro de Felisberto é formado do granito forte, espelhado e formoso, das ribanceiras do Douro, o de Antonio é

bosta endurecida, que a mão-gral do almofariz da botica não logra polvilhar.

*

* * *

Nunca viram passar o Antonio? Tracejem um individuo cambaio, excedendo a estatura mean, pele de vaca raiva, olhos inquietos, espinha alcachinada, braços arqueando-se em feitiço de bilha, cabeça aparafusada num pescoço alheio, dentadura e polainas postigas, usando nas salas uma voz com que elle procura macaquear Augusto Rosa, e um riso lorpa de grotesco extra-humano.

Já houve quem o avistasse com a dentadura posta nos tornosêlos, e as polainas a sairem-lhe da bôca. Enganou-se ao vestir, mas ia mais discreto.

Antonio palra, como «palram pèga e papagaio»... Ainda ha pouco, na Liga Monarquica, Antonio dejetou uma conferencia. Titulo:— *Recitativos e recitadores*.

Frase d'abertura:— «Este meu trabalho original e quiçá imitativo...»

Exatamente as razões alegadas em juiso por conjuge em guerra aberta com a mulher:

«Este meu filho, meu é, e propriedade minha tambem, apesar da minha esposa o haver obtido sem auxilio algum da minha banda.»

Antonio verseja. Antonio é o Tirteu da actualidade. Foi autor do *Hino da Bandeira*. Quadra do começo:

E's o luzeiro és o guia
Que leva á guerra o soldado
E o fazes com ufanía
Ser valente e ser ousado.

Para estes achaques receitava Braz Luiz d'Abreu no seu *Portugal Medico*, (pag. 209), enxundia de pata, olhos de mi-nhocas, aguas de lingua de vaca, e esterco de rato fresco. Antonio, — filho! Toma o *recipe*. Talvez o fleimão rebente.

Num manifesto que a proposito do hino, ao tempo de sua

nascença, quatro rapazes irreverentes firmaram, compararam-se aquellas linhas, aos donaires imaginativos dos reiseiros, que abriam a recita:

Na presença do puvlico inlustrado
Vem a atriz a pedir purteção!

Antonio é Mark-Twain, Auriol, Pierre Veber, Courteline, Allais, J. Renard. Escreveu as *Scenas das Ruas*, sob a pseudonimo Alvaro. (Para que usará pseudomimos quem tão desconhecido morrerá sob o nome de batismo?)

Logo a pag. 15, dialogando um janota como elle, com repolhuda casadoira janeleira, horas mortas da noite, ao passar uma patrulha de cavalaria, dest'arte se engranzam as ternuras entre os dois:

« — Que cheiro tão aburrecido.
« — E' a burro — diz elle. »

E é, de facto, um aroma d'estrebaria que se derrama pelo opusculo inteiro. O autor só graceja depois de mastigar um palheiro.

Antonio é homem de letras. Por isso mesmo coloca-as a bel talante, onde lhe apraz. Escreve—*vertueja*—*bico iscandescente*,—*espersas*,—*por hora* (por ora)—*biblots*—e centenas de vocabulos mais, como se foram receitas a despachar. Sobra-me espanto por não vèr Antonio, socio de merito da Academia Real das Sciencias! Porque o não encarregam do dicionario da lingua? Com mêdo que a levasse a pau e corda?

Antonio é critico d'arte. Declara superiores os quadros pintados a oleo de figado de bacalhau. Uma vez, cavalheiro bem intencionado, discutia com elle, certa apreciação cavalhar dum quadro que não cito.

—E' sublime!—regougava Antonio.

—Simplesmente ridiculo!—contraveio o interlocutor.

—Pois entre o ridiculo e o sublime, só ha margem para uma cloaca, e cá por mim môlho a pena no intervalo dos dois extremos—concluiu o Antonio.

E molha. Traz o tinteiro na alma.

Mas onde Antonio jorra armeos de luz, triunfando de corações ingratos, seduzindo marquêsas rijas e aias de carnadura apolejada, comendo gloria e bebendo o licor espumoso das aclamações, é na instancia das aguas de Entre-os-Rios

De dia, organisa digressões, carreta os maridos remissos, esbagaxa pétalas de cravos aos pés das trocistas donzelas. Arranca do Pégaso e apõe-no aos varaes das carroças. Puxam de companhia. Mas Antonio pegou môrmo ao camarada.

A' noite, coalhado o salão, Antonio recita, Antonio compõe charadas falantes, Antonio alcoveta confidencias, alcofando *flirts*, Antonio improvisa scenas comicas, Antonio cacareja como uma galinha que põe ovos, Antonio soluça trenos dramaticos, sacudindo o arganéu do nariz.

— E' o nosso bôbo! — segredam as meninas ao olhar-lhe o talhe do *smoking*, que lhe assenta tão á justa, como um par de pistolas a um santo Christo. — E' um cretino pavoroso! sussurram os homens no debrum das janelas.

E Antonio, no centro duma roda de vestidos imperio, com leques ironicos agitando-se a socegar desejos que elle não acendeu, abre aquella bôca em forma de vulva d'egua, e arranca sandices... sandices... sandices... resolvendo linguisticamente o problema insolúvel do *motu continuo*.

A's duas da madrugada, Antonio, a braços com a Fama, deita-se ás tiras de papel virgem. Peja-as de adjetivos corriqueiros e babosos sobre as beldades que o escarneceram. Peneira-lhes um reclamo aos preparados farmaceuticos. A si se promove á categoria de notabilidade, caluniando-se com todos os nomes de luxo que no seu glossario descobre.

Nas officinas do *Janeiro*, os tipografos, tropeçando nas letras maiusculas que se alçam no meio das palavras, praguejam:

— Diabo de diabo! Porque deixaria o patrão entrar este comunicado sem ser revisto por nenhum redator! Parece que quem o escreveu, estava bebado!

E estava! Era a embriaguez da asneira. A mais capitosa das miserias que nosso pae Adão nos legou.

* * *

Perguntar-me-hão: Porque tomo com pinças tal enxovêdo e o espalmo nestas paginas? Valia a pena? Merecia elle sequer um fado, cantado á porta por dois cegos, esgarçando as cordas das rabecas?

Explico. Em períodos normaes, o bicho é inofensivo. Passa pela gente e sorri. Nem ataca as canelas, nem belisca as amas de leite, nem mastiga creanças. Balbucia... cumprimenta... ageita os atafaes...

Mas quando o boticario anda menstruado, dá sintomas de hidrofobia. Chegou-lhe a sezão com o franquismo. Antonio deitou-se parvo e pacato, acordou furibundo e parvissimo.

Na semana finda, tiraram-lhe as baias, e soltaram-no em sessão de gala da *Liga Monarquica*.

Antonio, apenas exigiu uma sangria de largo jacto, nos que não tresvariavam como elle. Que o povo portuguez vivia em desaforada licença. Dêsem-lhe sabre, pau de lódo, e um comprido rosario de balasios.

Bem sei que Antonio isto requeria, na esperança de que os feridos se fossem curar e restabelecer na sua botica. Bem sei que Antonio é um *não-valor* social, que nas letras vexa o seu mestre Felisberto.

Mas Antonio é, de passo, um representativo do sub-solo portuguez da idiotice indigena, que se começa a tornar irritante pelos seus desafôros.

Em tempos não revôltos, os zurras do boticario só enxofriam os praticantes. No momento, exigem pronto correctivo.

Quando consultei amigos sobre a esfolia do animalejo, os mais delles me responderam:—Deixe-o em paz. E' um muar.

D'acôrdo. Mas despede parelhas. Prendá-mo-lo curto.

Que no fim dos fins, não entra na tarefa de panfletario — esborrachar persevejos.

Ha meia duzia d'annos, se Antonio boticario se lembrasse de vomitar em qualquer assembleia as baboseiras de que se aliviou na Liga Monarquica, não tardava um soneto que á porta lhe não batessem os sarcasmos da academia em pêso. Fritavam-no, os estudantes. E nem os miudos lhe aproveitavam para pomada de crescer cabêlo.

Afogavam-no em trampa, mais á peniqueira reacionaria da Praça de Carlos Alberto.

O penultimo dos antepenultimos Messias

Os profetas na Judeia, e os Messias nacionaes. — Programa maximo e minimo do sr. Teixeira de Souza. — Sua confissão a um amigo.

Ouvimo-lo, vae semana e meia, no Porto. Chamava-se Teixeira de Souza. Oriundo dos transmontanos socalcos penhascosos, onde o castanheiro centenario se apendôa de festões sobre um tronco carcomido, e os homens, trigueiros, sêcos e nervosos, trazem na côr d'avelã dos olhos, migalhas dum sonhar d'além...

Antes do profeta, duzias d'outros passaram; depois delle... a infinidade de todas as possiveis combinações.

Curiosa leiva a nossa! Nascem por cá os messias como na Judeia germinavam das entranhas dos vales, dos córregos dos oiteiros, das ourelas dos lagos! Com a differença que por lá findavam na cruz, ou no apedrejamento, e por cá acabam, apedrejando-nos, a nós da presidencia do conselho.

Num volume sobremaneira interessante e documentado de Petruccelli de La Gattina, *As Memorias de Judas*, a cada instante se trata da descoberta dum redentor.

O collegio sacerdotal que conspirava contra o dominio de

Roma representado pelo procurador Pilatos, necessitava dum profeta ás suas ordens, para mover a alma das multidões no sentido do sacrificio. Em dado momento, os conjurados judeus exigiram do Sumo-sacerdote que num sôpro lhe levantasse do chão o apetecido salvador.

Elucidativa foi a resposta de Hannah.

«Sobeja-nos no Templo, material para fabricar um messias, mas não podemos encurtar o tempo nem o espaço. Longe distam a Grecia, o Egipto, a India, e a Persia; Apolonio de Tianes, os Mitras, os Orpheus, os Hermes, não moram por Jericó.

«Acresce que é preciso armar um teatro e espectadores para o messias: bruxas que esconjurem a tempo o diabo, catalepticos que riam nas horas marcadas, epilepticos com as vari-nhas magicas. A sciencia compra-se, a fé cria-se; mas leva tempo . . .»

Mais tarde o Sumo sacerdote diz ao enviado que vae correr a nação judaica, em busca do prometido :

«Se devemos acreditar nas experiencias por nossos paes feitas, o messias é o animal mais manhoso que existe depois da mula. . . Convém que elle caia das nuvens, venha de longe, se inculque filho dalgum anjo ou filho de Deus, e que com Deus fale dentro dum tonel ou nos lombos de qualquer montanha. Precisamos do Desconhecido, divertindo-se a amolgar o Impossivel».

Devia ser assim na Terra da Promissão, em cuja gleba irrompeu o Cristo. Mas aqui, neste angulo de barbaros acunhado na Europa, não ha mister de inventar messias. São de geração espontanea.

Nem feitiços de feiticeiras, nem contorsões d'epilepticos, nem genealogias celestiaes, nem tratos com o Incognoscivel se necessitam.

Basta que um politico, que já com actos provou do que é capaz, baixe ao povoado, e afirme tenazmente que traz no concavo da mão a panacea de nossos males, para dos sertões descerem os sequazes, entoando confiadamente:— O' Desejado, ó Desejado, vós nos salvaes !

Em sua arenga extensa, estopante e difusa, no Porto proferida, o sr. Teixeira de Souza formulou a abracadabrante profissão de fé que segue: «Não sou liberal nem conservador; não sou reacionario nem radical; sou um homem do meu tempo.»

Ponho corrigenda. Nem liberal nem conservador, nem radical nem reacionario, não é homem do nosso tempo; é de todos os tempos e de todas idades, de todas as opiniões e de todos os partidos — aduela para toda a pipa, pau para toda a colhér.

Tomará indiferentemente a esquerda ou a direita; servirá, conforme as circunstancias, o Altissimo ou Satanaz, mas no fundo, nas bôrras de seu crédo, um pensamento sobrenada: — Guarde-se aquelle que tentar derrubar-me do poder!

Um grado influente transmontano, politico adicto ao teixeirismo, debatia com o seu chefe as condições de viabilidade do ministerio por elle presidido, e a maneira governativa de reger o barco. A uma pergunta mais insistente do deputado, replicou bruscamente o sr. Teixeira de Souza:

— Estou resolvido, com energica decisão, a fazer um governo liberal. Hei-de dar liberdades sobre liberdades.

— Impossivel! — redarguiu o outro — impossivel! Com essas liberdades cresceria a maré da propaganda e agitação republicanas. E tal como as coisas estão, não ha governo que resista ao embate do partido republicano.

— Ora essa! — repoz o sr. Teixeira de Souza. — Os republicanos hão-de conservar-se quietos e socegados. — Se bolirem, vou mais longe na repressão do que nenhum dos governos passados.

Ahi está um programa conciso. Dá-nos o sr. Teixeira de Souza a liberdade de o não incomodarmos. No caso contrario, excede o franquismo.

Mas tambem João Franco poz dentro do governo a prisão, o exilio, o degredo, a perda de cargos, titulos e dignidades, o

fusilamento. Só lhe esqueceu a pontuação do decreto: — Uma bala de carabina e outra de pistola.

João Franco, pelo menos, mentia sobre amarras: — Sou liberal! sou liberal!

O sr. Teixeira de Sousa apresenta-se, como nunca estadista algum, em parte alguma do mundo, se lembrou de despontar no palco: — Não sou nada!

O arrojo d'intrepidos assim, chega a aterrar.

Aliás, o sr. Teixeira de Souza, confia na rijeza dos ombros, na valentia dos pulsos, no argumento do marmeleiro. E' um arrebatapunhadas, que não sofre ancas a outrem. Mas os ares da ventura rapidos fulguram, e na cerração da noite, tão depressa se apaga a chama vacilante dum lume que se riscou, mais se adensam as trevas . . . mais as sombras tolhem a vista . . .

Expediente da administração

De dia para dia nos chegam reclamações e queixas dos nossos assinantes e agentes, sobre irregularidades da recepção destes panfletos.

Culpas, no lance, não cabem á administração.

Insistentemente rogamos aos leitores nossos, e nossos amigos, nos participem falhas e anormalidades. Porque, na nossa terra, creouse a lenda de que a administração dos correios é maravilha inegualavel, quando não passa de *imbroglio* atarantado.

E prestando homenagem aos que nesse ramo de serviços publicos trabalham conscienciosamente, necessitamos armazenar rol de queixas documentadas, para em breve analisarmos o que valem famas, alcançadas á força de réclamos falsos em gazetas louvaminheiras.

A *Empresa do Pão Nosso*...

